



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Maio de 2010, nº 127



Quero aqui agradecer à vida!

Por mais que em incontáveis momentos eu desistesse dela, se pudesse.

A vida, essa mesma, aquela que deve ser vivida e de preferência da melhor forma.

A vida, essa mesma, que te deram sem ao menos você pedir ou saber se quer, mas é sua e de ninguém mais...

A vida, que tem em sua existência a sabedoria divina.

Que tem em suas entranhas e cavernas o nosso segredo maior... nós mesmas!!!!



Mônica Rivera



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Desde que você chegou neste Planeta, o exercício da escolha, ou a ausência dele, tem permeado sua vida. Entretanto, olhando ao seu redor, será fácil perceber quanta energia frequentemente é dispersa na tentativa de se atribuir a responsabilidade de um episódio à fatalidade do destino. Esse gesto, embora aparentemente revestido de humilde rendição aos Meus desígnios, pode significar uma armadilha, criada para preservar uma postura interna confortável, que justifique a própria omissão diante dos desafios. Assim se constrói a fisionomia rude de uma força externa, que manipula vidas, alheia aos anseios humanos.

Entretanto, o que Eu inspiro ao seu coração é a possibilidade de reconhecer em si mesma o espaço onde ocorre essa magia. Está em suas mãos fiar, tecer e cortar, e é na prática do

discernimento e da atitude consequente que ocorre a gestação, a preservação e o esgotamento de cada ponto que compõe a tapeçaria de sua vida.

Abandonar o recurso roto de vitimização, assumindo a responsabilidade sobre as opções que você faz ou se omite de fazer é acolher com inteireza a Minha manifestação em seu íntimo, é saber que onde quer que você vá ali também Eu estarei.

Que Minha bênção de consciência toque seu coração profundamente, para que, sabendo-se de tal forma amada, você prossiga seu caminho, exercendo com plena confiança cada oportunidade de definir os seus passos.

Em liberdade e amor,
Aquele que é.



Contos de Loba

Luz da alma

Quando o Grande Rá se põe, ocultando a sua intensa luz, surge na escuridão da noite milhares e milhares de pequenas estrelas! É a hora do Abitjo, a hora em que na ausência do grande astro cada um de nós pode ir ao encontro de sua própria alma! Assim, como as pequenas estrelas, a nossa luz ainda está envolta pela escuridão de nossas emoções em desequilíbrio, mas apenas envolta e não oculta! Assim, também é a floresta: luz e sombra. Às vezes se fecha, num espiral de bambus e graveteiros que impedem a nossa passagem, mas logo em seguida se abre em piuvras frondosas. Depois, vem a água e leva com ela tudo que não nos serve mais!

No nascer do dia, a mata tem voz própria, inúmeras aves, insetos e mamíferos ecoam mantras de agradecimento ao Grande Espírito e a Deusa-Mãe. No entanto, ao meio-dia a floresta é vazia e silêncio. Os animais deixam-se ficar em movimentos de introspecção e silêncio. No hibernar de seus corpos, suas mentes podem acalmar e se imantar com a o alimento supremo, o AMOR do Grande Espírito e da Deusa-Mãe! Sem esse manar, suas almas são como barcos naufragos à deriva. No entardecer, a floresta novamente ecoa os seus mantras de agradecimento e amor ao Pai do Céu e a Mãe Terra pelas dádivas recebidas. Andando pela mata, me pergunto se tenho aquietado a minha mente, tenho deixado as suas águas limparem o meu emocional ou me deixei levar pelo tumulto de minhas indagações, divagações, críticas e análises sem fim? Olhando os rastros do chão, lembro-me que muitos caminharam antes de mim. Tenho ouvido as suas mensagens? Ou tenho estado tão centrada em mim mesma, no meu pequeno grande dilema: Quem Sou? Porque simplesmente não aceito que EU SOU e como os animais me entrego ao manar da vida! Um beija-flor cruza o meu

caminho! Eu sou a beleza, lobinha, a alegria. Eu degusto o néctar da vida e trago o prazer de viver!

Meu maior propósito é servir as flores: a reprodução das flores! Sim. Toda a beleza, o esplendor das asas do beija-flor é apenas para servir as flores e não a si próprio! Quando, os duas-pernas esquecem-se que tudo no mundo é feito exclusivamente para servir ao Grande Espírito e a Deusa-Mãe e passam a servir a si próprios, ao seu ego, morre um beija-flor! Assim, lobinha, seja como eu, alimente a beleza, a alegria, o amor-próprio a serviço do outro! Segui adiante, nas asa do beija-flor e vi o grande Puma. Ele me disse: Seja como eu, um líder nato, se esse for o seu dever no mundo, mas se não for, também não é abençoado o lugar das pequenas formigas? Elas não trabalham incessantemente dia e noite, removendo o solo da floresta? Estaria o Puma em um lugar sagrado se não existissem as pequenas formigas? E as pequenas formigas, sem a liderança do leão-da-montanha, não ficariam desorientadas e confusas? Pense, lobinha, pense, a quem você tem servido?

E assim voltou para a montanha. Surge, então, a gentil gazela, a corça-catingueira! Oh, bela donzela você está ferida? Não tem você esquecido a compaixão, a ternura consigo mesma? Tem se deixado dominar por medos e desconfianças que não pode enxergar as bênçãos da Grande-Mãe em cada passo da sua jornada? Oh, assustada donzela, seja como eu, a gentileza e compaixão que abre caminho nos corações mais áridos! Não tenha medo dos queixadas, não tenha medo do masculino! Ele é tão abençoado quanto você, pequena lobinha!

Busque, Loba, a cada dia e a cada noite, a luz da sua alma, servindo ao Grande Pai-do-Céu e à Mãe-Terra, com AMOR incondicional! Se agora eles vos pede para ser a pequena formiguinha em seu jardim, seja a mais alegre trabalhadora, se vos pede para ser o Grande Puma, seja antes de tudo líder de vossas emoções!

Como Amor, irmã loba.

Ana Cris



Tecer, tecer, teSER

Sento-me aos pés dela
Enrugados em meio veias que se trançam
no tempo
Ao nosso lado, uma clareira pouco
luminosa
E mantendo-se no centro
Seus dedos disciplinados tecem, tecem,
tecem...
O manto quadriculado que escorrega pela
cadeira de balanço
Feito um relógio, a cadeira para lá e para
cá



Ao seu lado permaneço quieta e observo
Sinto o cheiro de gravetos, de madeira
selvagem e de dama da noite que se insiste
lá fora
Sob o luar
Em sua frente descanso
Instintos imberbes que outrora tivera
As horas prolongadas pelo silêncio rasgam
o alvorecer
Adormeço e Amanheço
Minha vida em seu tecer

Clarissa Vargas



Mirella Faur

As Moiras, fiandeiras do destino

O arquétipo do destino é profundamente enraizado na psique dos povos de origem indo-europeia. Começando na Índia, atravessando o continente europeu indo até o Mar do Norte e as Ilhas Britânicas e abrangendo a bacia do Mediterrâneo, as antigas culturas destas áreas possuíam mitos, histórias, símbolos e cerimônias para honrar e invocar as forças do destino. Alguns destes mitos se sobrepõem, outros são divergentes, mas o conceito fundamental é o mesmo: as “Senhoras do Destino” são forças universais e naturais, que não obedecem aos deuses ou deusas, pois elas representam os ritmos e as marés das energias cósmicas e telúricas, tendo aparecido no início dos tempos e permanecendo até o fim das eras.

A origem e o nascimento das Moiras são cercados por mistérios, sabe-se que elas exercem suas funções desde a origem de tudo, sendo tão antigas e insondáveis quanto a noite, o céu e a Terra. Imutáveis nos seus designios, elas controlam o fio misterioso da vida e nada consegue aplacar ou impedir que elas modelem ou cortem sua trama. Inicialmente eram consideradas como uma dupla, a regente do nascimento e a regente da morte, mas depois apareceram como Klothes, as Fiandeiras, em número de três ou nove (três vezes três), reunindo em si o antigo significado da palavra Moira, “forte, difícil de suportar e destruidora”, sendo Moira Krateia segundo Homero.

Suas equivalentes são as Parcas ou Fata (plural de Fatum, a vontade divina) romanas, as Rodjenitse eslavas ou as Nornes nórdicas.

Descritas como filhas de Nyx (a Noite) e Kronos (o tempo), de Gaia e Oceano ou Júpiter e Têmis nos mitos olímpicos mais recentes, a sua origem mais arcaica as retratava como filhas de Ananke (a necessidade) e do destino, irmãs das Horas, Erinias (as Fúrias), Tanatos (morte), Hipnos (sono) e de Nêmesis, a vingança. Elas viviam em um lugar longínquo nos confins do mundo, numa caverna perto de um lago, cuja água branca era o reflexo da Lua. O nome delas simbolizava “parte, porção, aspecto” e o seu número correspondia às três fases da Lua, tendo sido descritas por Orfeu como as “Moiras de vestes brancas”.

As Moiras são as fiandeiras que fiam os dias da nossa vida, um dos quais se torna, inevitavelmente, o dia da nossa morte. O comprimento do fio que elas atribuem a qualquer mortal é decidido exclusivamente por elas, pois nem mesmo Zeus - considerado seu pai ou dirigente nos mitos mais recentes e nomeado Zeus Moiragetes - podia influir a decisão delas para favorecer algum mortal por ele protegido. O poder das Moiras era anterior ao domínio de

Zeus e aos arquétipos das divindades olímpicas.

No nascimento de uma criança elas apareciam na sétima noite, determinavam o curso da sua vida, fiavam o seu destino e direcionavam as conseqüências das suas ações de acordo com as decisões tomadas. A sua aparição na sétima noite deu origem ao costume grego de esperar sete dias para aceitar o recém nascido na família, dando-lhe um nome e fazendo sua consagração na frente da lareira. Como deusas do nascimento (conhecidas como Fata Scribendi, que escreviam o destino) eram acompanhadas pela deusa Eileithia e previam o futuro das crianças por conhecerem os designios futuros, que às vezes revelavam com seus poderes proféticos, sendo padroeiras das videntes e sacerdotisas oraculares. Elas não interferiam nos afazeres humanos e condicionavam a sorte de tal maneira, que permanecia uma pequena margem para as ações e escolhas dependendo do livre arbítrio.

Quando se apresentavam na hora da morte, elas se transformavam nas Moirai Thanatoio, as deusas da morte, acompanhadas pelas Keres e as Erinias. As Keres eram espíritos ancestrais femininos, com dentes afiados e vestes vermelhas, regentes da morte, onipresentes, dotadas do poder sobre a vida e a morte, porém obedecendo aos deuses, principalmente a Nêmesis e Ares. As Moiras transferiam para as Erinias as punições para os atos destrutivos e as maldades cometidas e, junto com elas, direcionavam os eventos na vida com as necessárias lições, aprendizados e correções.

Às vezes as Moiras eram descritas como mulheres idosas, feias, mancas (para mostrar a lenta passagem do tempo), com semblante sério, rígido, impiedoso e severo, vestidas com túnicas pretas, com capuzes ou usando guirlandas de flocos de lã entremeadas de narcisos. Outras vezes apareciam coroadas, raramente veladas, segurando cetros e com os cabelos presos por faixas. Na sua apresentação mais comum, seus nomes, trajas e objetos são diferenciados.

Cloto, “a fiandeira”, segurava o fuso com qual fiava o destino dos seres humanos. Era representada como uma mulher madura, vestida com uma roupa colorida e usando uma coroa de sete estrelas, ficando ao lado de uma roca que se estendia do céu à terra, de onde puxava o fio para o seu fuso. Sua equivalente romana era Nona, invocada antigamente no nono mês de gravidez e que aparecia segurando um pergaminho em suas mãos.

Láquesis, “a que tirava a sorte (ou jogava os dados)” media o tamanho do fio destinado a cada ser humano. Suas vestes eram salpicadas de estrelas e às vezes segurava um bastão com qual apontava para o mapa natal em um imenso globo terrestre. A equivalente romana de Láquesis era Décima.

Atropos, “a inflexível”, escolhia a maneira da morte quando o prazo de vida findava e era



ela que cortava impiedosamente o fio da existência de cada ser. Era a mais idosa, vestida com roupas pretas e segurando uma tesoura, alfanje, balança ou relógio solar. Sua equivalente romana era Morta.

As Moiras tinham santuários em vários lugares na Grécia: Corinto, Sparta, Olímpia, Teba; elas eram honradas com oferendas de flores, frutas, mel, especiarias, vinho e comidas típicas. As suas cores eram usadas nos bordados tradicionais dos trajas folclóricos gregos, o vermelho representando a cor do sangue, o branco a morte e o preto sendo a própria vida.

As Moiras não agem em linha reta, em cada momento da nossa vida devemos lidar com os efeitos dos atos anteriores, enfrentando os desafios presentes e nos preparando para aquilo que está à nossa espera no desconhecido futuro. Interagimos com elas em um ciclo espiralado, em que repetimos as mesmas lições de maneiras diferentes, pois o passado é criado pelos nossos atos no aqui e agora e que se transformam nas possibilidades futuras. Elas não agem ao acaso, pois uma vez entrados no caldeirão da vida, somos sujeitos às leis naturais, enfrentando decisões e mudanças, cujas datas são em função de ciclos biológicos e planetários, principalmente os ligados a Saturno.

O primeiro ciclo de Saturno - que abrange o período do nosso nascimento até 28-29 anos - pertence a Cloto; nele aprendemos sobre o nosso potencial, bem como descobrimos nossas limitações - genéticas, sociais ou ambientais - tendo que lidar com elas e aceitar a nossa herança racial, familiar e cultural.

No segundo ciclo regido por Láquesis, nos tornamos nós mesmos e assim sabemos quem realmente somos e o que podemos fazer. Ao longo deste ciclo consolidamos nossa carreira, definimos os relacionamentos afetivos e familiares e descobrimos a nossa missão.

O terceiro ciclo pertence a Atropos e começa com o segundo retorno de Saturno em torno de 56 anos, quando ele abre as portas para novas possibilidades, “aquilo que poderá vir a ser”. Gradativamente, podemos romper com as amarras criadas no segundo ciclo e dar à luz a um novo ser, que foi amadurecendo dentro de nós. Este é um momento de avaliar tudo o que devíamos - ou não - fazer e às vezes podemos dar reviravoltas inesperadas.

Ao longo da vida a experiência nos ensinou como lidar com as mudanças, mas podemos ser melhor sucedidos se reconhecermos os pontos de mutação em que as Moiras mais nos tocam. Estas épocas dependem dos trânsitos planetários e dos seus aspectos em relação ao nosso mapa natal. A dança das Moiras é complexa, com pequenas voltas inseridas em círculos maiores. Os ciclos dos planetas pessoais - Sol, Lua, Mercúrio, Marte e Vênus- esculpem o nosso caráter e a lenta rotação de Saturno marca os três ciclos importantes das nossas vidas. Porém, são os planetas trans-pessoais que influenciam a

orientação psíquica, social e espiritual das gerações, trazendo à tona aqueles assuntos necessários à evolução individual e coletiva.

Quando a alma escolhe sua vida ela se apresenta perante Láquesis que lhe envia o daimon (o anjo de guarda ou protetor vitalício), depois irá para Cloto ratificar a escolha feita e Atropos selar o destino de forma irreversível. No domínio de Láquesis existem ao nosso alcance todas as possibilidades, mas uma vez retirada aquela que queremos e desejamos, Cloto confirmará o destino escolhido e Atropos tornará a opção irreversível, tecendo a vida em função dela. A alma passa em seguida pelo trono de Ananke, a Necessidade, e mergulha no “rio do esquecimento”, que apaga as memórias das vidas anteriores e das próprias opções. Em seguida os ventos nos levam ao útero da nossa mãe junto com nosso daimon, o anjo de guarda, que irá nos proteger e ajudar a alcançarmos nossos objetivos, nos alertando sobre perigos ou oportunidades e nos conectando com o fluxo da vida para haurir energia, poder e sabedoria. Depois que a alma é unida a um corpo, poderá realizar tudo que foi por ela escolhido, usando os dons e habilidades doadas pelas Moiras e que serão desenvolvidas com a ajuda do anjo protetor, que acompanhará o seu afilhado durante sua vida, levando-o de volta no final.

A alma é responsável parcialmente pelas escolhas feitas, por depender também do traçado estabelecido e tecido pelas Moiras, que atuam como nossas parceiras para definir a tessitura da vida. Os atributos físicos e psíquicos são herdados dos pais que escolhemos e firmados pelas Moiras, que nos colocam em situações em que teremos a chance de manifestar nosso propósito de vida e a missão que irá favorecer o crescimento e a evolução da alma. O propósito será realizado quando escolhermos uma vida que apóie a nossa missão e beneficie objetivos compatíveis com o processo evolutivo. Ao longo da nossa vida podemos sentir o desejo de lembrar o que realmente viemos fazer, sofrendo com o esquecimento, as dúvidas e o vazio da nossa existência. Mas orações para as Moiras, práticas espirituais e rituais podem amenizar a solidão da alma, devolver e fortalecer a conexão com o plano divino.

Podemos invocar as Moiras e pedir-lhes que clareiem os nossos caminhos, nos ajudando a descartar o fardo de mágoas, ressentimentos, raiva, culpa, remorsos e erros do passado e que nos libertem daquilo que não nos seja mais útil. Depois iremos pedir-lhes que abram a nossa compreensão e discernimento para agirmos da melhor forma nas nossas opções e decisões, alinhando nossa vida com a nossa missão e abrindo as portas para realizar - de fato - os verdadeiros propósitos da alma na atual encarnação.



Oração a todas as minhas mães

Esse é o momento de seguir em frente
De adentrar a floresta em busca do fogo,
Para criar alma.

De encontrar todas sortes de criaturas
Que me habitam.

De dar adeus e boas vindas,
De cumprir tarefas e ser recompensada
por ter coragem.

Esse é o tempo de encarar todas as sombras,
de deixar passar todos os cavaleiros,
O sol, a noite e madrugada,
que se apresentam imutáveis.
Tempo de ser roda afortunada
Por estar conhecendo mais do mundo
E de mim mesma.

Em minha companhia, levo um arco-íris lúdico:
Minha herança abençoada
Com beijos e abraços ternos,
Lágrimas de amor infinito,
e desejos de caminho bem traçado,
Com afeto do amor inabalável
Da que tudo sabe e compartilha.

Boneca verde me deixou a doce mãe boa demais -
para apaziguar a alma
e aprender a escutar segredos do coração.

Boneca vermelha - para compreender que também
sou instinto.

Boneca laranja - para apaziguar o corpo
e cuidar do desejo, fonte da vida.

Boneca amarela - para proteção,
para ajudar a escolher entre isto e aquilo.

Boneca azul, para aprender a dizer sim e não na hora
certa.

Boneca índigo, pra ler melhor as entrelinhas.

Boneca violeta para compreender melhor o universo.

Minha alma agridoce agradece multicolor.

Minha voz se espalha por todos os meus ouvidos,
cantando a gratidão.

Em espírito me alimento do amor profundo
da outra mãe, boa o suficiente,
que agora me guarda de longe,
pois confia em mim e tem certeza
que eu saberei sempre o que fazer por mim mesma
se estiver em silêncio e disposta a ouvir minha
própria voz.

Escrito inspirado no Conto da Vasalisa, no livro
de Clarissa Pinkola Estés - Mulheres que correm
com os lobos - e em muitas
sincronicidades. Postado por Thais Werneck
quinta-feira, 18 de outubro de 2007



Dicas da Clara

Clara Barreiro



Afrodite

Com o título de AFRODITE, o livro de Isabel Allende sugere sedução e histórias mitológicas. Mas elas vêm pelos caminhos de receitas culinárias, contos e outros afrodisíacos. Amigos de caminho e de alma compartilham com ela esses saberes e sabores, com extrema cumplicidade e alegria. Tentador, não é mesmo? Sim, já que o corpo é a morada da

alma, muita, muita, muita alegria. Encantador encontrar Isabel reinando e saciando apetites.

Quem já a conhece de "Inês de minha alma", "De amores e de sombras", "A casa dos espíritos", "Paula", deleitar-se-á com essas paisagens gustativas e também visuais, belamente ilustrado com obras de arte. Da Editora Bertrand Brasil.



Tome uma atitude sustentável

Que tal aprender a cozinhar? Pode ser uma salada, um sanduíche, uma sobremesa ou quem sabe um macarrão?

Neste muda-se o molho e o prato é outro. Resgatar receitas familiares, pesquisar na internet, inventar... Perceber-se interiormente e mostrar-se exteriormente.

Produtos de boa procedência e orgânicos fazem muita diferença, já que a comida é aquilo em que vamos nos tornar. Pode ser bem mais simples do que parece e tem sempre a alquimia... Capriche na apresentação, pois o alimento nos chega primeiro pelo olfato, depois pela visão e só por último pelo paladar, como bem compreendeu Pablo Neruda. Lembre-se: SIMPLICIDADE é tudo. Sozinho ou dando-se a própria companhia, desfrute!

«Quando pensamos em fazer uma comida, pensamos sempre em alguém. A comida é algo que ofereço ao outro: não é maravilhoso?... Fazer uma comida significa pensar no desejo do outro. Qual é o sentido adormecido?

Tenho de adivinhar a forma da fome do outro. A cozinha, diferentemente dos outros artistas, tem de adivinhar os sonhos, os sonhos de prazer.»



Rubem Alves



Mãe Terra

Jardins Agroflorestais

Cada Ser existente no Planeta tem uma função específica no processo de evolução dos sistemas de vida rumo à complexificação e abundância. Lembrando que ser complexo e abundante é a estratégia do Planeta na sua trajetória pelo Universo Sideral. Por exemplo, os fungos do solo decompõem a matéria orgânica que virará alimento para as plantas. Outro exemplo: árvores de rápido crescimento que crescem a pleno sol fazem sombra para árvores que só crescem na sombra. Mais um: as formigas podam as plantas exatamente onde é necessário podar para que o sistema se torne, em seu conjunto, mais eficiente. E assim por diante. E o ser humano? Qual é a função do ser humano de forma a contribuir para o que Planeta seja um Sistema Vivo? Cada espécie, na natureza, todos os dias, faz algo que transforma o lugar onde vive gerando mais vida. E o ser humano? O que podemos fazer para chegar no final do dia e podermos responder às perguntas: hoje eu contribuí para que haja mais vida em Gaia? Fui útil para o Planeta? Como posso me tornar um ser "querido" pelo Planeta?

Ernst Götsch, um de meus mestres, é um pesquisador e filósofo suíço que vive e faz agrofloresta há 30 anos no sul da Bahia, Brasil. Segundo Ernst, na floresta tropical, a função do homem é a de dispersar sementes. Sim... sementes, de abacate, manga, jaca, cupuaçu, pupunha, e qualquer outra fruta com polpa comestível. Essas frutas deliciosas que nos alimentam. Nós nos alimentamos delas e, em troca, plantamos suas sementes para que essas árvores se



espalhem gerando mais abundância no futuro. Essa deveria ser a nossa função. Mas não é o que temos feito. Ao contrário, a maior parte da humanidade tem contribuído para que as árvores sejam cortadas ao invés de plantadas. O consumo irracional de energia, a produção agrícola em escala industrial (grandes monocultivos mantidos a base de químicos), o consumo desenfreado de carne bovina, a expansão das cidades e da infraestrutura de transporte, a mineração... tudo isso são atividades humanas que destroem as florestas. Não estamos cumprindo, portanto, a nossa função. Ainda segundo Ernst, quando um ser não cumpre sua função no sistema (que no nosso caso é plantar sementes), ele não é "querido" por Gaia e, portanto, está fadado a ser expulso do sistema. O nosso desafio para sermos felizes é aprendermos e cumprirmos nossa função e vivermos em harmonia com Gaia.

Por meio da Jardinagem Agroflorestal, é possível entrarmos em contato, mesmo nas cidades, com o mundo das plantas e nos reconectarmos com os ciclos da vida. Plantas são seres inteligentes, dotadas de enorme capacidade de adaptação, capazes de gerar energia química a partir da energia do Sol. Entrar em contato com esses seres, conversar com eles, pode ser uma importante forma de meditação e aprendizado.

Nas cidades, as sementes das frutas são comumente jogadas na lixeira! Uma coisa incompreensível, pois semente não é lixo. Semente é um bebê de planta. É a possibilidade de início de uma nova vida. Os Jardins Agroflorestais permitem às pessoas que vivem na cidade que cumpram o seu papel de semeadores de sementes. E, quem sabe assim, se tornarem mais "queridas" pelo Planeta.

Helena Maltez

Próximo Mês

Reverência à Mãe Ancestral e aos Espíritos da Natureza

Data: 26/06/2010, 20 h na Unipaz

Vestir saia ou vestido nas cores do arco-íris

Contribuição: 10,00

Trazem:

- 1 vela verde pequena em um pires
- 1 incenso de rosas
- 1 pedido escrito em papel de seda verde
- 1 sino

Somente para Mulheres

Informações: Nane: 96779453 ou teiadethea@teiadethea.org

Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva e Adriana Jaccoud

Informações: Luzia - 81481650; Nane - 96779453; Andrea - 34084065
Web: www.teiadethea.org teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org

Bibliografia: «O Anuário da Grande Mãe» de Mirella Faur
Imagens da Internet;

AGENDA 2010

*26 de junho: Plenilúnio e solstício: Reverência à Mãe Ancestral e aos espíritos da natureza.

*25 de julho: Plenilúnio: Celebração das Deusas Serpentes

*1º de agosto: Festival da colheita - aberto também para homens

*24 de agosto: Plenilúnio: Celebração das Deusas do Mar

*23 de setembro: Comemoração do Equinócio: A volta de Perséfone - apenas para mulheres

*22 de outubro: Plenilúnio: Celebração da Deusa havaiana Pele

*31 de outubro: Samhain: Celebração das Ancestrais - apenas para mulheres

*21 de novembro: Plenilúnio: Celebração da Deusa Celta Cailleach

*21 de dezembro: Plenilúnio e solstício: « A Noite da Mãe » - Celebração da Deusa nórdica Nerthus